

EDITORIAL

O presente número de Estudos Bíblicos aborda a temática da pessoa idosa. Ele é fruto do interesse crescente que vem recebendo a área da Diaconia dentro das práticas eclesiais e também nas reflexões teológicas. Para a redação dos textos contamos com pessoas que se encontram envolvidas de diferentes maneiras com a temática. Algumas estão diretamente ligadas ao trabalho com idosos, como a irmã Gisela Beulke, o Pastor Hans Burger e o Rev. Egon Feldens. Outras, como a psicóloga Henriete Lichtenfels ou o Pastor Luzair Lenz, realizam estudos de pós-graduação na área. Finalmente, um terceiro grupo, composto pela Dra. Elaine Gleci Neuenfeldt, pelo mestrando Sydney Farias de Lima e pelos doutorandos Humberto Maiztegui Gonçalves, Erica Luisa Ziegler e Norberto da Cunha Garin, prontificou-se a colaborar a partir da oportunidade que se oferecia para tal durante o período de estudos da pós-graduação. Todos os mestrandos/as e doutorandos/as citados/as realizam seus estudos no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS.

A subdivisão dos diversos estudos poderia ser feita a partir de diferentes pontos de vista. Para efeitos de simplificação, orientamo-nos pelo grau de maior ou menor envolvimento com textos do AT e NT. Assim sendo, para o primeiro bloco, selecionamos dois estudos que abordam a temática dos idosos considerando, simultaneamente, vários textos de ambos os Testamentos:

O primeiro, da autoria da Professora de Diaconia na EST, Gisela Beulke, trata do Quarto mandamento e seu desafio para filhas e filhos. Essa temática reflete sobre o lugar e o papel dos pais e levanta a suspeita de práticas comuns de desamor em relação a crianças e idosos, em especial, na época do AT. Conforme o NT, Jesus, em seu ministério, se ocupa basicamente com pessoas que estão à margem, que são excluídas. Ele traz uma proposta inovadora, em que não há lugar para o poder dominador. Nela prevalece o amor integral e a inclusão de todas as pessoas, em qualquer idade. Através de suas falas e ações, questiona o sistema patriarcal e motiva para uma nova relação comunitária de iguais. Nesta comunidade de iguais a liderança se destaca pelo servir, pelo “diaconar”, pelo respeito, pelo diálogo fraterno. A partir desta proposta pais, filhos/as e comunidades cristãs são motivados/as a terem olhos e corações abertos e atentos na busca de alternativas que favoreçam vida boa e bem-estar para as pessoas de todas as idades.

O segundo é da autoria do Pastor Luzair Lenz, que atualmente redige tese sobre os idosos. Ele aborda a Gerontocracia bíblica. Através da incursão bíblica, procura responder pelo papel das pessoas idosas – “anciãos” e “presbíteros” – na liderança da sociedade e das comunidades religiosas da época do Primeiro e Segundo Testamento.

mentos. O artigo está dividido em dois blocos (AT e NT) e estes, por sua vez, se dividem em duas partes distintas. A primeira, busca uma aproximação sócio-política do papel dos idosos na época bíblica, enquanto que a segunda orienta-se mais pelos diversos aspectos que os textos exploram.

Alguns artigos concentram as abordagens mais sobre o Primeiro Testamento (AT):

Elaine Gleci Neuenfeldt, atualmente Pastora da IECLB e assessora do CEBI, escreve sobre o Salmo 71,1-12.17-18 – Súplicas de uma pessoa idosa. O anseio expresso no Salmo é por um lugar onde a experiência e a história da pessoa anciã receba atenção e onde seu corpo não sofra ameaças. A esperança da pessoa idosa se resume em vida, dignidade e consolo. A memória que quer ser anunciada e lembrada para as gerações vindouras é de que a organização social deve ser estruturada de forma tal que proteja aos grupos sociais que estão mais vulneráveis e à mercê das injustiças. Por isso, o anúncio e testemunho do Salmo têm como conteúdo a justiça. Ele quer lembrar, em canto, que a justiça é sinal da presença acolhedora de Deus. Esta é a sabedoria da qual as pessoas anciãs são depositárias.

Norberto da Cunha Garin, Pastor metodista, reflete sobre Sara, uma mulher idosa – a manifestação da força de Javé. No contexto do Exílio, quando a história de Sara e de Abraão foi registrada, a promessa de um filho para Sara foi um sinal vigoroso da ação de Javé num tempo de sofrimento e dor. Foi uma prova incontestada de que, mesmo no meio da morte e da desesperança, é possível a vida. As soluções arranjadas, para que de Abraão se formasse uma grande descendência, não satisfizeram totalmente a vontade de Javé. A missão de Sara não se restringiu à geração de mais um filho a Abraão. Ela abria a possibilidade de futuro para todo o povo. Era através de seu filho que a aliança entre Abraão e Javé se tornaria infinita. Seu ventre estéril e envelhecido, pela bênção de El Shaddai, se tornou capaz de lançar uma semente que nunca envelheceria. Apesar de Abraão ser considerado como o ‘pai da fé’, foi Sara quem, superando a frustração de toda uma vida e o desgaste da idade avançada, gerou o descendente.

Erica Luisa Ziegler, doutoranda de AT, concentra sua atenção sobre O idoso em Eclesiastes. O livro do Eclesiastes é de difícil acesso e interpretação para a maioria das pessoas que lêem a Bíblia, porque sua linguagem é muito simbólica, mesmo para tratar de assuntos tão universais quanto morte e vida. O texto de Ecl 12,1-7 é um dos mais belos poemas da Bíblia, e vale a pena conhecê-lo para saber o que ele diz sobre o envelhecimento, e sobre as bênçãos de uma vida feliz quando tudo o que se faz e se vive está relacionado à lembrança do Criador e à responsabilidade ética diante dele.

Diversas temáticas específicas são abordadas nos artigos que se seguem:

Humberto Maiztegui Gonçalves, doutorando em AT e Pastor pertencente à Igreja Episcopal Anglicana, aborda o tema Deus e pessoas idosas: uma relação de vida e de alegria. O autor mergulha em alguns textos que trabalham a experiência de pessoas idosas com Deus e descobre, através das tradições de Sara, Abraão (Gn 15 e 18), Isabel (Lc 1,5-25 e 37-45) e Simeão e Ana (Lc 2,25-38), que ela se caracteriza pela

alegria e pela vitalidade. Ao mesmo tempo vai levantando outras referências que permitem ver as pessoas idosas como sujeitos históricos da ação de Deus através do seu Povo e da sua Igreja.

Henriete Lichtenfels, psicóloga, doutoranda e Mestre em teologia, tendo defendido tese sobre Satisfação e sentido de vida no envelhecimento, dedica-se ao tema da Idade avançada como sinal de bênção e sabedoria. Avançar na idade pode trazer consigo doença e degeneração, também sentimentos de rejeição, de isolamento e até exclusão social. Mas a idade avançada ou a abundância de dias pode significar também renovação e crescimento, como a palmeira que dá frutos. Viver mais pode estar ligado à satisfação de vida e à sabedoria, como capacidade de construção (aventurar-se), de desconstrução (preconceitos) e de reconstrução (consciência ampliada). Numa sociedade que enaltece a força, a beleza e o vigor dos jovens, desprestigiando tudo o que aparenta ser velho, cabe aos cristãos criar estratégias de incorporação da velhice à vida, derrubando preconceitos por um lado, e não compactuando com uma cultura hipócrita por outro, que enaltece, mas simultaneamente manipula e negligencia os jovens.

Sydney Farias da Silva, Pastor metodista e atualmente redigindo tese sobre a messianidade de Jesus no Evangelho de Marcos, apresenta reflexões sobre Velhice e comunidade messiânica. Tanto o Primeiro como o Segundo Testamentos sustentam uma radical novidade em relação aos idosos nos tempos do advento do Reino. Em Is 65,20 o profeta testemunha: “Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem...” E Joel 2,28-32, retomado em At 2,17-21, afirma: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos” (At 2,17-21). Com o advento de Jesus, irradia também para as pessoas idosas, um novo horizonte, que faz vislumbrar uma radical “redenção dos seus corpos” (Rm 8,23), sobretudo para aqueles e aquelas, cujos corpos, mentes e contextos familiares representam uma cruz que carregam paciente e silenciosamente, particularmente aqueles/as a quem falta solidariedade afetiva e financeira. Solidão e pobreza, sinais de um velho mundo, são uma sobrecarga que aumenta a tensão entre o passado e o futuro, entre memória e sonho – sob a nova luz do advento de Cristo, são sinais doloridos, é verdade, mas cujo fim está próximo e cuja substituição por uma longevidade de comunhão plena com Deus e com os semelhantes não tardará.

Os dois artigos finais procuram correlacionar o tema dos idosos com o recém editado Estatuto do Idoso que, como projeto de Lei da Câmara dos Deputados, de nº 57/2003, foi aprovado pelo Senado Federal em 23/09/2003 e sancionado pelo atual Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 1º de outubro de 2003, passando a vigorar a partir de janeiro do corrente ano e suprimindo uma lacuna reivindicada de longa data. Trata-se dos seguintes estudos:

Egon Feldens, ex-Diretor Presidente do Conselho Estadual do Idoso – CEI/RS, participante atual da Comissão de Apoio Permanente do mesmo Conselho e Presbítero da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), apresenta Uma visão teológica da

lei nº 10.741/2003. Neste artigo o autor tenta demonstrar inicialmente a permanente inter-relação que existe entre as instituições da Política, da Religião e do Direito. O Estatuto do Idoso não foge a esta regra. Não existem leis que não estejam fundamentadas em princípios que, no fundo, são morais ou religiosos. Em segundo lugar, analisa em que medida o Estatuto do Idoso apresenta reais avanços em relação a práticas e legislação anteriores, mas também quais os aspectos que permanecem preocupantes no seu texto.

Hans Burger, Pastor luterano, Especialista Superior em Gerontologia e Diretor Geral da Instituição Bethesda em Pirabeiraba, SC, encontra-se há 25 anos em estreito contato com outros profissionais da área numa associação denominada de VIDA DIGNA e que congrega profissionais e instituições de longa permanência de idosos e pessoas portadoras de necessidades especiais. A partir desta associação, das discussões e da experiência aí recolhida ao longo dos anos, escreve sobre o Estatuto do Idoso e sua interface com as entidades de atendimento ao idoso de longa permanência. Do Estatuto do Idoso seleciona e comenta, sobretudo, os artigos referentes à saúde, à assistência social e à formação de pessoal. Ao final chama a atenção para certos limites do Estatuto, bem como para uma série de sugestões que poderiam configurar possíveis soluções para os inúmeros problemas com que se defrontam as instituições de idosos de longa permanência, entre as quais contam asilos e ancionatos.

É gratificante estudar o ser idoso à luz da revelação bíblica. A Bíblia aborda esta temática de uma forma ampla e diversificada. Vários aspectos, é verdade, estão intimamente atrelados à época de então e à uma cultura que não é necessariamente a nossa e são, por isso mesmo, de valor relativo. Mas, certos aspectos frisados na Escritura, têm valor perene:

1. Um destes é o realismo com que se encaram os problemas advindos da velhice. Ou seja, a Bíblia não idealiza a situação dos mais idosos. Ela constata com precisão problemas de saúde, de fadiga, de falta de forças e de desrespeito que sobrevêm às pessoas de maior idade: Gn 27,1s; Dt 31,1s; Sl 71,9; 2 Rs 2,23, etc. O quadro é conhecido: Com o adiantar da idade diminuem o peso corporal, a força e a massa muscular; a coluna e as articulações ficam mais rígidas; os reflexos, o raciocínio e a memória sofrem perdas; o rosto fica enrugado; os cabelos tornam-se calvos e a capacidade para aprender coisas novas fica reduzida. Este quadro pode dar margem a muitas frustrações, tende a deprimir pessoas, a isolá-las, multiplicando os fenômenos mais conhecidos e temidos da velhice como a solidão/isolamento, a dependência e a insanidade. Faz também com que, sobretudo diante dos jovens, o termo “velho” passe a ser associado a outros, que o interpretam pejorativamente, a exemplo das expressões “velho caduco”, “velho gagá” e “velho esclerosado”.

Esta situação apresenta um número crescente de desafios. Inicialmente é preciso constatar: Nada mais salutar do que saber encarar este processo com naturalidade. Ecl 3,1-8 ensina-nos exatamente que também a idade avançada é tempo dentro do propósito divino. Há tempo para todas as coisas: Tempo de nascer, de crescer, de envelhecer e de morrer. O envelhecimento é uma das condições de finitude que Deus

nos outorgou. Esta condição torna-nos humildes perante o Mesmo, lembrando-nos que nossa vida não está em nossas próprias mãos. Afirmar que o processo de envelhecimento é da natureza humana, não significa que ele não seja vivido, simultaneamente, com certa relutância, dor, saudosismo e, por vezes, até com certo grau de rebeldia ou revolta, o que explica, até certo ponto, a necessidade que sentem muitas pessoas de maquiagem, seja através de pomadas, cirurgias estéticas ou outros adereços. Isto tudo nos parece muito natural e não serão, por certo, estes sentimentos em si que deveremos considerar errôneos, e sim, muito mais, certa maneira de trabalhá-los, encará-los e de lidar com os mesmos.

Em segundo lugar, há que se desconstruir certos mitos e estereótipos que a comparação entre idosos e jovens facilmente tende a provocar. Ora, justamente por ser a juventude uma idade apaixonada, de dinamismos, de ritmo acelerado e de constantes mutações e adaptações, é comum pensar a velhice como simplesmente o seu contrário, ou seja, como inércia, comodismo, fechamento, falta de flexibilidade. Assim sendo, faz parte das convicções de muitas pessoas que a velhice começa a partir de 65 anos, que a maioria dos velhos tem problemas de saúde, que racionalmente os velhos são menos brilhantes que os novos, que economicamente os idosos são mais improdutivos, que sexual e afetivamente são menos atraentes, e assim por diante. Tais convicções estão profundamente arraigadas em certos círculos e será preciso uma constante “renovação das mentes” (Rm 12,1-2) para que estes falsos pressupostos possam ser questionados e evitados. Assim como não é verdade que a velhice representa uma “doença”, assim também não é verdade que a juventude, por si só, já represente “plenitude de vida”. A mera incidência elevada de drogas, de violência e crimes entre os jovens fala uma linguagem clara de contestação a assertivas semelhantes. Além disso, muitas pessoas frisam com razão, que idade não é coisa unicamente do corpo, mas, sobretudo, do coração: Não temos a idade das nossas artérias, mas a dos nossos fervores, afirmava Stan Rougier. De forma semelhante defende Louis Locher: Para nós, cristãos, não se trata apenas de “ficar jovem” agarrando-se a certo potencial biológico que os anos esgotam irreversivelmente, mas de tornar-se jovem! Daí o sonho de Henri Jeanson: “morrer jovem numa idade avançada”. Por isso é com razão que defende um autor:

De fato, o tempo não tem idade, ou melhor, as idades mesclam-se.¹ Cada momento é novo, composto ao mesmo tempo de altos e baixos. Envelhecemos todas as vezes que nos fechamos em nós mesmos, que contamos o tempo, que olhamos para trás. Rejuvenescemos cada vez que olhamos para o futuro, próximo ou longínquo, cada vez que ouvimos antes de julgar, cada vez que conseguimos mudar de idéia, cada vez que nos ocupamos dos outros, cada vez que nos alegramos com um novo encontro, cada vez que nos maravilhamos, cada vez que amamos.²

1. O autor refere-se às idades biológica (das nossas células, artérias e doenças), afetiva (dos nossos afetos) e social (a dos papéis desempenhados): J.-P. Dubois-Dumée, *Envelhecer sem ficar velho*, São Paulo, Paulinas, 1999, p. 25.

2. Idem, obra citada, p. 25.

*Em terceiro lugar, as mudanças da idade avançada representam desafios tanto para os idosos, quanto para as pessoas que os cercam. As pessoas idosas necessitam aprender a conviver com seus limites e com um papel novo e diferente na economia e sociedade. Sem esta adaptação e o respeito pelas funções diferentes a desempenhar, torna-se muito fácil cair em saudosismo ou nostalgia, misturados com reclamos e resmungos sobre o tempo atual, quando comparado com o passado que não volta mais. Já para as pessoas que convivem com os idosos, o maior dos desafios é, seguramente, tornar-se um próximo para eles, bem a exemplo daquele próximo do qual fala Jesus na parábola do bom samaritano e, seguramente, também à semelhança de tantos próximos mais ou menos anônimos, dos quais com tanta sabedoria fala uma oração inglesa de autoria de Esther Mary Walker, intitulada *E abençoa os que suavizam os nossos dias*:*

Abençoa, Senhor, os que compreendem
Meu passo hesitante e minha mão trêmula.
Abençoa os que sabem que hoje
Meus ouvidos vão penar para ouvir.
Abençoa os que parecem aceitar
Minha visão fraca e minha mente lenta.
Abençoa os que desviam os olhos
Se me acontecer derramar o café da manhã.
Abençoa os que nunca dizem:
“Já é a segunda vez hoje que o senhor conta esta história”.
Abençoa os que têm o dom de fazer-me contar
Os dias felizes de outrora.
Abençoa os que fazem de mim um ser amado,
Respeitado e não abandonado.
Abençoa os que adivinham que eu não sei mais
Como encontrar a força de carregar minha cruz.
Abençoa os que suavizam com seu amor
Os dias que me restam a viver
Nesta última viagem para a casa do Pai.

2. Outro aspecto bíblico de valor perene representam as atribuições de responsabilidade e sabedoria atribuídas à velhice na Bíblia. Os idosos formavam, nas pessoas dos presbíteros ou anciãos, conselhos de grande responsabilidade e competência, dos quais dependiam em boa medida as decisões que regulamentavam o convívio social e político nas vilas, aldeias e cidades. Era, sobretudo, a experiência e a sabedoria das pessoas de maior idade que se prezava nas sociedades orientais. Este aspecto aponta para a injustiça que se comete quando se compartilha da idéia de que aos idosos cabe unicamente um papel passivo no tecido social. O papel destacado dos idosos nos conselhos da antiguidade (Gn 50,7; Nm 22,7; Ex 24,1; At 20,17-38) deveria tornar-nos criativos para descobrir espaços novos e diferentes, em que tanto mulheres quanto homens de maior idade pudessem sentir-se prestativos, de utilidade e tendo contribuições significativas a dar.

3. O terceiro aspecto bíblico perene está ligado à esperança. Os dizeres da Bíblia vão para além da realidade nua e crua que, como já frisado, nem sempre é acolhedora e compreensível para com pessoas idosas. Tanto no AT quanto no NT divisam-se tempos novos, em que idosos haverão de sonhar e em que haverá vida abundante e perene para todos (Is 65,20; Jl 2,28-30/At 2,17-21). Textos como estes deverão alimentar nosso protesto e nossa inconformidade com toda falta de amor, de compreensão e atenção, mas também contra todos os abusos, insensibilidade e exploração a que estão sujeitas de múltiplas maneiras inúmeras pessoas de idade na sociedade hodierna. É o que, à sua maneira, também propõe o Art. 6º do Estatuto do Idoso, quando afirma: “Todo o cidadão tem o dever de comunicar à autoridade competente qualquer forma de violação a esta Lei que tenha testemunhado ou de que tenha conhecimento”. E a Dra. Regiane Santos de Araújo, comentarista de uma das edições do novo Estatuto, salienta: “De todos os artigos, talvez o mais importante seja o 6º, pois, se realmente nos conscientizarmos e começarmos a agir como cidadãos, denunciando as injustiças e não omitindo crimes, faremos valer esta e todas as leis que existem em nosso país”.

4. Para efeitos de espiritualidade, nada há de mais estimulante e consolador ao mesmo tempo, do que o sentimento de saber-se envolto e amparado pela presença gratificante e protetora de Deus. Esta é uma verdade válida já desde o nascimento, como afirma Is 43,1: “Assim diz o Senhor que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu”. Mas, também em relação ao final de nossos dias o testemunho bíblico é bem semelhante. Queremos expressá-lo, para encerrar esta apresentação, com palavras dos Salmos 90, 71 e 23, recolhidas na oração intitulada Fica conosco, Senhor, porque anoitece:

Que serventia terá para nós ter vivido longo tempo
Se tantos anos de labuta e sofrimento
São apenas fumaça prestes a esvair-se?

Ensina-nos, em vez, Senhor,
A bem contar os nossos dias,
A deixar entrar
A sabedoria em nossos corações.

És Tu a minha esperança, Senhor,
Desde o tempo da minha juventude.
Agora que nossas forças declinam
Não me abandones.

Bondade e favor acompanhar-me-ão
Todos os dias da minha vida
E habitarei na casa do Senhor
Por dilatados anos.

Uwe Wegner